OS LIMITES DA COMUNICABILIDADE E O DISCURSO DA TOLERÂNCIA NA EDUCAÇÃO

Cleber Gibbon **Ratto –** Centro Universitário Metodista - IPA
Paula Corrêa **Henning** – FURG

Este ensaio recoloca a questão do silêncio frente à (dis)função social da linguagem na Educação. Assume que o prestígio das narrativas e sua ampla difusão nos espaços educativos respondem a uma nova modalidade de controle social, numa sociedade pautada pelo fascínio da linguagem, da comunicação e da consciência de si, supostos operadores da tolerância como valor social desejável. Sustenta que a carência de um tratamento mais criterioso das diferentes posições filosóficas sobre a linguagem acaba provocando um efeito simplificador: o prestígio das perspectivas historicistas instaladoras de verdades supostamente metalingüísticas e/ou; uma popularização da ingênua noção de auto-criação narrativa. São percorridos sumariamente dois exemplares que permitem um contraponto à transparência lingüística e comunicativa, e onde o silêncio surge como forma particular de expressão. Merleau-Ponty em "A linguagem indireta e as vozes do silêncio" (1980), endereçado à Sartre; e Nietzsche em "Convalescença" (2000). Ao cabo, retoma-se o tema da tolerância na Educação para recolocá-lo no trabalhoso lugar da luta política, nada ameno, transparente ou apaziguador.

Palavras-chave: linguagem; comunicação; silêncio; tolerância.